

DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>



Revista Portuguesa de História, Coimbra, 1941-

Composta e impressa na Tipografia da Atlântida, saiu no ano de 1941 o primeiro tomo da *Revista Portuguesa de História*, patrocinado pelo Instituto de Alta Cultura. A capa era sóbria. No topo, ostentava o nome da instituição que lhe servia de berço – a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra – e do Instituto a que ficaria afectada até ao ano de 1975 – O Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos. No meio da folha, por baixo do nome da revista, vê-se a marca do *Instituto de Estudos Históricos*, carimbo adaptado da zincogravura criada por António Augusto Gonçalves (1848-1932) para o *ex-libris* de António de Vasconcelos. O desenho representa um monge, numa postura de escrita, iluminado por uma candeia, tendo por baixo, a divisa: *Interroga et diligenter investiga*.

Vivia-se no 4º Grupo (História) da Faculdade de Letras, nas palavras de António de Oliveira, um tempo “de grande vigor historiográfico” conforme se atesta pelas áreas de especialidade, e pela obra, dos membros do corpo redatorial da RPH: Damião Peres (História dos Descobrimentos), Joaquim de Carvalho (História da Cultura e da Filosofia), Virgílio Correia (Arqueologia), Manuel Lopes de Almeida (História Social e das Instituições), Paulo Merêa e Luiz Cabral de Moncada (História do Direito e das Instituições), Mário Brandão e Torquato Sousa Soares (História das Instituições).

A justificação para a criação da RPH, os seus objectivos e princípios orientadores enunciavam-se, de forma clara, no editorial: “A falta cada vez mais sensível de uma revista portuguesa de História levou a Direcção do Instituto de Estudos Históricos a promover a publicação de um anuário que seja simultaneamente o testemunho vivo da sua actividade cultural e a projecção dessa actividade em todo o País. Assim, existindo, essencialmente, para arquivar a produção do núcleo de estudiosos que se agrupam no Instituto, nem por isso enjeita a contribuição de estranhos que queiram trabalhar de harmonia com os seus métodos de investigação e crítica histórica. E porque o trabalho histórico é, por natureza, um trabalho de colaboração, procurará ainda a Revista Portuguesa de História pôr-se desde já em contacto com os diversos países da Europa e da América, dando a conhecer, por intermédio dos seus valores mais representativos, os resultados da sua actividade científica — resultados esses que tanto podem dar novos rumos à historiografia nacional que a nossa revista procura, sobretudo, impulsionar e servir”.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Quanto à organização da Revista, previam-se *Artigos* nos quais seriam tratados “problemas” que interessassem “directa ou indirectamente” à História de Portugal, “nos seus diferentes aspectos”, e várias secções: a *Miscelânea* “constituída por breves notas, comentários, etc., que de alguma maneira possam contribuir para esclarecer qualquer aspecto da nossa História”; *Historiografia estrangeira*, dedicada à divulgação “dos mais importantes trabalhos publicados nos diversos países sobre história política e eclesiástica, história económica e social, direito e instituições, (no 2º tomo a designação passou para *Historiografia nacional e estrangeira*, acrescentando-se recensões a trabalhos sobre Fontes e Ciências Auxiliares da História e História do Pensamento); *Bibliografia*, parte dedicada à apreciação dos “trabalhos que constituem realmente novas contribuições para o conhecimento da nossa História” e de cujo aparecimento fosse informada e, finalmente, a *Vária* onde seriam “registados os mais importantes acontecimentos relativamente à historiografia nacional e estrangeira e, particularmente, a actividade do nosso Instituto”.

Do texto atrás transcrito, realçamos o facto de a RPH ter como principal objectivo a divulgação dos resultados da pesquisa histórica, referentes à História de Portugal, elaborada pelos membros do Instituto de Estudos Históricos, podendo igualmente publicar textos de outros historiadores que quisessem trabalhar “de harmonia com os seus métodos de investigação e crítica históricos”. A metodologia de pesquisa e de construção históricas constituía-se, assim, como único critério de inclusão ou de exclusão de artigos. Aberta ao exterior, a RPH ambicionava “dar novos rumos à historiografia nacional”, desiderato que se pretendia concretizar através da inclusão de recensões sobre historiografia estrangeira. Os redatores da RPH cumpriram, escrupulosamente, este objectivo nos primeiros números. Com efeito, o primeiro tomo publicou 100 páginas dedicadas à produção historiográfica estrangeira, referente a 1939, de autoria de uma plêiade de destacados historiadores estrangeiros: Pedro Calmon (Brasil), R. Prieto Bances (Espanha), José Torre Revello (Argentina), Augustin Fliche (França), Charles Verlinden (Bélgica e Holanda), Mario Viora (Itália). A historiografia inglesa foi tratada por temas: A. Taylor Milne (História Geral e Política), Artur Redford (História Económica e Social), Marjorie Blatcher (História do Direito e das Instituições). Finalmente Eugen Wohlhaupter escreveu sobre o “Folclore jurídico” na Alemanha. No tomo II, saído em 1943, continuaram a colaborar Prieto Bances (Espanha), Augustin Fliche (França) e Charles Verlinden (Bélgica e Holanda) com recensões sobre a produção historiográfica relativa aos anos de 1940-1941. Na mesma secção, colaboraram historiadores portugueses que recensaram a produção historiográfica referente a 1939-41 nos campos seguintes: João Franco Machado (História dos Descobrimentos) Magalhães Vilhena (História do Pensamento) e Braga da Cruz (História do Direito e das Instituições). Por sua vez, Torquato de Sousa Soares escreveu sobre uma dezena de livros.

Na sua primeira década de vida, a RPH não conseguiu tornar-se um anuário, “com 300 a 400 páginas”, como os seus fundadores pretendiam: o tomo III saiu em 1947. A secção referente à historiografia nacional



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

e estrangeira ficou, entretanto, muito extensa com cerca de 132 páginas. Manteve-se a colaboração de historiadores franceses e ingleses e publicaram-se artigos referentes a estudos históricos publicados na Alemanha e nos Estados Unidos da América do Norte. As novas colaborações reportavam-se aos anos de 1939 a 1944, inserindo-se nos campos seguintes: história geral e política, história religiosa, história da cultura, história do pensamento, história económica e social, história do direito e das instituições, teoria da história e história da historiografia, fontes e ciências auxiliares da história. Os historiadores portugueses que leram os três primeiros tomos da RPH tiveram, assim, a oportunidade de conhecer e acompanhar “os rumos” da produção historiográfica estrangeira, europeia e americana, nos principais campos da história. A partir de 1949, a revista deixou de oferecer essa ampla informação, fechando-se ao exterior, provavelmente devido a constrangimentos ideológicos.

Uma apreciação das orientações historiográficas da RPH passa, sobretudo, pela análise dos textos nela publicados. Os artigos dados a lume no primeiro tomo abordavam temas referentes ao período da Reconquista, com excepção de um texto de autoria de Damião Peres sobre as Viagens de Diogo Cão. Em termos de cronologia, o primeiro tomo da RPH definia o que haveria de constituir uma das suas marcas identitárias até à década de 70: o estudo da Idade Média, área de especialidade da maioria dos membros do Instituto de Estudos Históricos e de, forma particular, de Torquato de Sousa Soares, alma impulsionadora da RPH até aos anos setenta.

O tomo III da RPH, editado em 1947, num contexto de euforia decorrente do final da segunda guerra mundial, parecia indicar um alargamento temático, expresso, de forma particular, na Miscelânea, que acolheu quatro artigos de história económica: dois escritos por Virgínia Rau e outros dois de autoria de Julião Soares de Azevedo. O indicador mais expressivo de que chegavam, então, a Coimbra os novos rumos que a historiografia francesa trilhava, desde 1929, atesta-se no texto emocionado, e muito informado sobre a personalidade e a obra de Marc Bloch, que Torquato de Sousa Soares, “espírito aberto às novas correntes historiográficas” (António de Oliveira), escreveu para o referido tomo, do qual constam os extractos que a seguir se transcrevem: “Assassinado no dia 16 de Junho de 1944 por um inimigo implacável, que não soube respeitar a sua situação de prisioneiro, Marc Bloch, que contava então 58 anos, deixou uma obra que, sem ser extraordinariamente extensa, abre como um clarão, novas perspectivas à História, substituindo o velho conceito de *ciência do passado* pelo de *ciência do homem*, ou melhor *dos homens* – dos homens no tempo – ciência que não decompõe o homem em funções separadas, mas que o mete inteiramente em si próprio”. Reportando-se ao livro *Apologie pour l’histoire ou Métier d’historien* classifica-o como “breve estudo de metodologia histórica”, que reflecte a visão do historiador, sendo “em grande parte um programa de trabalho para os jovens historiadores” e expressão de “um homem que vive a História não como um antiquário que se satisfaz do que envelheceu e acabou, mas como um verdadeiro historiador cuja qualidade fundamental é a apreensão do que é vivo, do que, como tal, continua”. Num texto



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

de 20 páginas, Torquato de Sousa Soares passou em revista, com o detalhe possível, toda a obra historiográfica de Marc Bloch, considerando ser a Revista *Annales de histoire économique et sociale*, dirigida em parceria com Lucien Febvre, expressiva “do sabor da sua actividade mental”. Particularmente interessado pelas questões de metodologia, Torquato de Sousa Soares prometia escrever “num dos próximos tomos da *Revista Portuguesa de História*”, um texto de apreciação crítica sobre a obra *Apologie pour l’histoire ou Métier d’historien*, publicada postumamente por Lucien Febvre, com base na selecção, por si efectuada, dos manuscritos redigidos pelo malogrado historiador nos tempos da sua prisão. Torquato Sousa Soares não cumpriu, ou não lhe foi possível cumprir, a promessa de publicar uma recensão crítica sobre a obra que haveria de ser traduzida para português, em 1965, com o título *Introdução à História*. Ficamos apenas a saber que a considerava um “trabalho tão rico de ideias e sugestões”.

A redacção do tomo IV da RPH (com dois volumes publicados respetivamente em 1949 e 1951) passou a integrar, para além dos fundadores, os Professores Guilherme Braga da Cruz, Miranda Barbosa e Sílvio Lima. Tratando-se de um volume dedicado a Gama Barros contou com uma colaboração muito diversificada de historiadores. Associaram-se à homenagem ao autor da *História da Administração Pública em Portugal na Idade Média*, destacados medievalistas estrangeiros (Sanchez Albornoz, Pierre David, Prieto Bances, Charles Verlinden, Luis Garcia Valdevellano, Yves Renouard, José Maria Lacarra, Joseph Piel, Luis Fernández Suárez, Robert Ricard, José Maria Font Rius, Albin Eduard Beau, José Vives, Antonio de La Torre, Léon Bourdon, Pierre Russel, Fray Justo Pérez de Urbel) e o modernista Harold Livermore. Quanto à colaboração portuguesa, destacam-se os extensos artigos de Marcelo Caetano sobre as cortes de 1385, de Mário Martins sobre peregrinações e livros de milagres medievais e de Miguel de Oliveira sobre paróquias portuguesas. A análise da obra de Gama Barros coube a Torquato de Sousa Soares, António Baião, Luís Afonso Ferreira e Queiroz Veloso. Por sua vez, a jovem historiadora Virgínia Rau apresentou os frutos da sua ousada (para o tempo) investigação no artigo “Os holandeses e a exportação do sal de Setúbal nos fins do século XVII”.

Os tomos VI (1955) e VII (1957) da RPH foram dedicados a Pierre David, medievalista francês que a Faculdade de Letras acolhera no contexto da segunda guerra mundial. Esta homenagem convocou igualmente destacados historiadores estrangeiros que abordaram temas do campo da história eclesiástica e religiosa, área da especialidade do homenageado (Pierre Meyer, Jean Godel, Louis Bassete, Pierre Vaillant, Demetrio Mansilla, Maur Cocheril, Díaz y Díaz, José Vives, Oscar Halecki, Justo Pérez Urbiel, Jeanne Vielliard, Ambroise Jobert e o modernista Louís Jadin). A participação portuguesa contou com os artigos de Torquato Sousa Soares e do jovem Avelino de Jesus da Costa que dissertaram sobre a obra de Pierre David. Por sua vez, José Mattoso colaborou com o estudo “L’Abbaye de Pendorada des origines à 1160”.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

A vida do Instituto de Estudos Históricos António de Vasconcelos passará a ser marcada, na viragem dos anos 50 para os 60, pelos jovens assistentes Luís Ferrand de Almeida e António de Oliveira. O primeiro, integrou a direcção da RPH, na qualidade de Secretário, a partir do tomo VIII (1959); o segundo, a partir do IX (1960). O secretariado composto pelos medievalistas Torquato de Sousa Soares, Avelino de Jesus da Costa e Salvador Dias Arnaut passava a contar com a colaboração de dois historiadores modernistas sensíveis a novos temas e cronologias.

Entre 1959 e 1968 (tomos VIII, IX, X e XI) a RPH abriu-se à História da Expansão e do Império, sendo este o tema da maioria dos artigos. A abertura deste novo campo historiográfico explica-se pela convergência de vários factores, nomeadamente: as Comemorações Henriquinas (1960), a publicação de um volume de homenagem a Damião Peres (tomo X – 1962) e o reconhecimento internacional que Luís Ferrand de Almeida conquistara graças à sua tese de licenciatura, dedicada à *Diplomacia Portuguesa e aos Limites Meridionais do Brasil (1493-1700)*, circunstância que o creditava para solicitar textos a historiadores que viriam a consagrar-se como grandes especialistas na História dos Impérios modernos, caso do britânico Charles Boxer, do francês Frédéric Mauro, dos brasileiros José Pinheiro da Silva, Max Justo Guedes e Guilhermino César ou dos portugueses Luís de Albuquerque e Avelino Teixeira da Mota. Numa década dedicada fundamentalmente às temáticas modernistas, a RPH acolheu ainda trabalhos de António de Oliveira, Albert Silbert, António Eiras Roel e Antonio Dominguez Ortiz.

Torquato de Sousa Soares foi o grande dinamizador da RPH até à data da sua jubilação (1973). Entre 1965 e 1970 exerceu funções universitárias em Luanda. O seu regresso a Coimbra, coincide com um retorno da RPH à temática medieval nos tomos XII (1969), XIII (1971) e XIV (1974), com particular enfoque no campo da história das instituições, circunstância que se deve ao facto de se tratar de tomos de homenagem a Paulo Merêa, grande estudioso da história das instituições medievais. A projecção internacional deste historiador afere-se pela larga participação de historiadores nacionais, destacando-se os especialistas em história do direito (Ferrer Correia, Guilherme Braga da Cruz), e sobretudo estrangeiros, caso de Sánchez-Albornoz, Quintana Prieto, Diaz y Diaz, Charles Verlinden, Johannes-Michael Scholz ou Helmut Coing.

O tomo XV da RPH, publicado com data de 1975, constitui um volume de fronteira entre dois tempos. Saiu com três artigos dedicados à Idade Média e cinco referentes à Época Moderna, sendo um deles de António de Oliveira sobre temáticas de demografia histórica e outro de Luís Ferrand de Almeida sobre o problema da aclimação de plantas do Oriente no Brasil; por sua vez, Maria Helena da Cruz Coelho recensou o volume das *Actas de las I Jornadas de Metodologia Aplicada de las Ciencias Historicas (Historia Medieval)*, realizadas em Santiago de Compostela. Marcavam presença três historiadores responsáveis pela abertura da RPH, agora sem constrangimentos ideológicos, aos vários campos da pesquisa historiográfica.



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Circunscrevendo-nos a uma apreciação mais genérica da vida da RPH nos 40 anos, que decorrem entre 1976 e 2016, podemos afirmar que este periódico continuou fiel ao lema inscrito no *ex-libris* de António de Vasconcelos: *Interroga et diligenter investiga*: pôr problemas, e tentar encontrar a sua resposta em investigações conduzidas com solidez metodológica, configura-se como um dos principais propósitos de uma história credível, independentemente do campo ou do período cronológico em que se situe o seu objecto de análise. A RPH manteve-se, igualmente, fiel ao salutar princípio de publicar tomos de homenagem aos membros da sua redacção, por ocasião do seu falecimento – Sérgio Soares (XXXV) – ou jubilação – Torquato de Sousa Soares (XVI), Salvador Dias Arnaut (XXXI), Luís Ferrand de Almeida e António de Oliveira (XXXVI).

A mudança política ocorrida em 1974, associada à renovação do corpo redatorial da RPH, afecto ao Instituto de História Económica e Social, proporcionou as condições para que este periódico cumprisse, efectivamente, os desígnios enunciados no editorial do primeiro tomo, passando a publicar artigos referentes a “problemas” de interesse para a História “nos seus diferentes aspectos”. As mudanças registaram-se, sobretudo, na abertura à área da História Contemporânea e numa prevalência de artigos do campo da História Económica e Social. Ao longo das últimas 4 décadas, a RPH manifestou uma tendência para a publicação de volumes temáticos: o tomo XXIII (1987) publicou as Actas do Colóquio “A Revolução Francesa e a Península Ibérica”, o XXV dedicou-se à história da Indústria e o XXX (1999, mas saído em 2000) comemorou a passagem dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil (“Portugal e o Brasil. Rotas de culturas”).

Esta tendência tornou-se num princípio editorial desde o tomo XXXVII dedicado a “Formas e contextos da violência”. Com efeito, os tomos seguintes integraram *dossiers* temáticos sobre: “*Guerras e conflitos no século XX*” (XXXVIII); “*Da teoria da História à didáctica da História*” (XXXIX); “*Religião, religiões e diálogo inter-religioso*” (XL); “*História Rural*” (XLI); “*Historiografia portuguesa*” (XLII); “*Água: vida, economia e cultura*” (XLIII); “*A nobreza: tempos, espaços e poderes*” (XLIV); “*Depois da guerra*”, volume dedicado à guerra na época contemporânea (XLV) e, finalmente, no ano (2015) em que se assinalou a conquista de Ceuta, a RPH divulgou estudos sobre a “Presença de Portugal no mundo”.

A RPH, dirigida desde 2006 pela Doutora Maria Helena da Cruz Coelho, tem procurado acompanhar a agenda historiográfica actual, bem como sintonizar-se com as exigências da internacionalização de periódicos. Nesse sentido, conformou-se a partir do tomo XLI com as normas internacionais no que concerne à avaliação prévia dos artigos por pares e a outras exigências como a rigorosa periodicidade anual.

Bibliografia: HOMEM, Armando Luís de Carvalho, “Revistas universitárias de História no Portugal do século XX”, *Revista de História das Ideias*, 18, pp. 339- 372; MARQUES, António H. De Oliveira Marques,



DICIONÁRIO DE HISTORIADORES PORTUGUESES

DA ACADEMIA REAL DAS CIÊNCIAS AO FINAL DO ESTADO NOVO

<http://dichp.bnportugal.pt/>

Ensaio de Historiografia Portuguesa, Lisboa, Palas Editores, 1988, p. 45; MENDES, José Amado, “A renovação da historiografia portuguesa”. In CATROGA, Fernando; MENDES, José Amado e TORGA, Luís Reis, *História da História em Portugal. Sécs. XIX-XX*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 337-340; NUNES, João Paulo, *A História económica e social na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 1911-1977*, Porto, Afrontamento, 1995, pp. 2017-217; OLIVEIRA, António, “As Histórias da minha geração: uma perspectiva historiográfica”. In *Pedaços de História Local*, Coimbra, Palimage, 2010, pp. 349-402; *Idem*, “Seis décadas de História na Faculdade de Letras de Coimbra (1911-1970). Um esboço das suas tendências”. In *Antiquarismo e História*. Coimbra, Palimage, 2013, pp. 201-284.

Margarida Sobral Neto



APOIOS:

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

BNP BIBLIOTECA
NACIONAL
DE PORTUGAL

FUNDAÇÃO
LUSO-AMERICANA